



## A representação feminina em *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz

### The female representation in *A Muralha*, by Dinah Silveira de Queiroz

Jullyana Alessandra da Silva<sup>1</sup>, Marcos Hidemi de Lima<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho busca apresentar as atividades realizadas no programa de iniciação científica *Marcas da ordem patriarcal na literatura brasileira*, que tem como objetivo principal estudar personagens presentes na nossa literatura que, normalmente, são marginalizados ou invisibilizados na sociedade brasileira.

A fim de investigar como as mulheres eram retratadas na sociedade brasileira do século XVIII, buscou-se analisar os aspectos literários utilizados para representar os papéis das mulheres na sociedade, enfocando na representação feminina, sobretudo na personagem Isabel, do romance de Queiroz.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira; ordem patriarcal; representação feminina.

#### ABSTRACT

This work seeks to present the activities carried out in the scientific initiation program *Marcas da ordem patriarcal na literatura brasileira*, whose main objective is to study characters present in our literature who are normally marginalized or made invisible in Brazilian society.

In order to investigate how women were portrayed in Brazilian society in the 18th century, we sought to analyze the literary aspects used to represent women's roles in society, focusing mainly on the character Isabel, from Queiroz's novel.

**KEYWORDS:** Brazilian literature; patriarchal order; female representation.

#### INTRODUÇÃO

*A muralha* trata sobre a vida das mulheres da Lagoa Serrana com destaque para a força das personagens femininas, que lutam para viver em um ambiente, muitas vezes, violento. O romance é considerado histórico, pois se passa no século XVIII e aborda sobre diversas questões associadas a formação da sociedade brasileira, incluindo o patriarcalismo.

Este trabalho busca compreender elementos sociais e históricos –principalmente os ligados a ordem patriarcal fortemente arraigada em nosso país no momento histórico em que a narrativa ocorre -, e os aspectos literários utilizados para representar os papéis das mulheres na sociedade, enfocando sobretudo da personagem Isabel, do romance de Queiroz.

Com base nisso, nota-se tamanha importância da pesquisa, sendo possível enxergar as raízes de nossa sociedade e identificar problemáticas que perpassam até os dias de hoje. O estudo de personagens femininas auxilia na maior compreensão sobre as estruturas de poder presentes na literatura brasileira.

#### MATERIAIS E MÉTODOS

<sup>1</sup> Bolsista da UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: [jullyana@alunos.utfpr.edu.br](mailto:jullyana@alunos.utfpr.edu.br). ID Lattes: 8723198146810567.

<sup>2</sup> Docente no Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: [mhlma@professores.utfpr.edu.br](mailto:mhlma@professores.utfpr.edu.br). ID Lattes: 0230003569520230.



A pesquisa busca estudar obras literárias brasileiras, com o objetivo de analisar os personagens marginalizados pela sociedade. O caráter da pesquisa será qualitativo, bibliográfico e descritivo, elencando referenciais teóricos que componham perspectivas de análises literárias e buscando o levantamento de estudos acerca de temas relacionados ao papel das mulheres na sociedade setecentista, possibilitando a construção da análise proposta.

O levantamento bibliográfico contou com as obras *Literatura e sociedade* (2006) e *O discurso e a cidade* (1993), de Antonio Candido, para maior entendimento na relação presente entre a literatura e a sociedade, compreendendo como de fato analisar aspectos relacionados a obra. Com relação aos aspectos históricos ligados ao contexto das mulheres na sociedade setecentista, foi utilizada a obra *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011), da historiadora Mary Del Priore. Para uma maior compreensão sobre a ordem patriarcal e a forma que ela se reflete na literatura utilizou-se *A Permanência do Círculo: A hierarquia no Romance Brasileiro* (1987), de Roberto Reis.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o cronograma proposto, foram realizadas algumas leituras e fichamentos para a melhor compreensão das figuras marginalizadas na literatura brasileira. A partir dessas discussões, tornou-se possível analisar de forma concisa as personagens femininas da obra *A muralha*, observando o modo em que o patriarcalismo as censurava e as tornava dependentes da aprovação masculina.

A obra de Dinah Silveira de Queiroz retrata mulheres que tinham o papel de administrar e proteger a casa enquanto os homens, incluindo o patriarca, saíam em expedições.

Observa-se que, embora as mulheres assumissem a responsabilidade pelo gerenciamento e defesa do lar enquanto os homens se ausentavam em expedições, sua posição social e reconhecimento diferiam do patriarca. As mulheres eram restringidas ao ambiente doméstico, privadas do direito à leitura e escrita, limitadas a atender aos desejos e necessidades do marido. Este esquema hierárquico é apresentado logo nas primeiras páginas, em que o Capitão-mor alerta Cristina sobre as dificuldades presentes na terra do Brasil.

- Cura-se a menina de ilusões. A pobreza arrogante desta terra! Os índios feios como judas, os brancos sujos, fanfarrões briguentos, os negros fazendo o que lhes ensinam, como monos. Os padres disputando com os brancos, mas lhes dizendo as missas. **E as mulheres escondidas em casa como coelhos nas tocas, ignorantes e obstinadas** (Queiroz, 2020, p. 12, grifo nosso).

Esta restrição imposta às mulheres, evidencia uma desvalorização de sua autonomia e potencialidades, reforçando uma dinâmica hierárquica que subordina a mulher ao papel de submissão e subserviência.

Roberto Reis, em sua obra *A permanência do círculo: Hierarquia no romance brasileiro* (1987), explica que a família patriarcal brasileira se organiza por círculos traçados a partir de um centro ocupado pelo patriarca. Nesse arranjo, a mulher branca, se pertencente a casa branca, localiza-se no centro com o patriarca, entretanto, seu papel não era autônomo, ou seja, é privada de expressão autêntica.



Neste quadro senhorial e patriarcal, trespassado pela hierarquia, caberia situar a mulher, o mais das vezes sujeita ao homem, visto ser esta sociedade, focalizada pela Literatura, eminentemente masculina. A mulher, se quisermos nos circunscrever à casa-grande, não havendo outro estigma que a leve a ficar na nebulosa (isto é: se ela não for índia ou negra, por exemplo), fazendo parte da classe senhorial, estará sujeita à mesma hierarquia com relação ao homem. Está no núcleo, mas submete-se ao senhor (REIS, 1987, p. 32).

Consequentemente, constata-se que, mesmo ocupando uma posição hierarquicamente equiparada à do homem, a figura feminina acaba sendo privada de seus direitos e opiniões. Essa circunstância ressalta a prevalência de um padrão de autoridade que limita sua autonomia. Essa dicotomia entre uma aparente igualdade, mas efetiva sujeição destaca as complexidades das dinâmicas de gênero presentes na estrutura da família patriarcal brasileira, conforme explica Roberto Reis.

Na obra *A muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz, é possível perceber a presença de um patriarca que ocupa o centro: Dom Braz Olinto. O patriarca da família apresentava uma grande autoridade não apenas no que se referia ao trabalho, mas que "perpassava todo o tecido social, de tal maneira que mulheres e filhos estavam sujeitos a um conjunto de normas e valores sociais que reforçavam o domínio e o poder dos homens" (Del Priore, 2004, p. 467).

A partir do papel patriarcal exercido por Dom Braz Olinto, é possível encontrar uma visão hierárquica do homem colonizador sobre os colonizados e a do homem patriarca sobre as mulheres (Mello Junior, 2022). Com isso, a obra denuncia essa visão de mundo juntamente à condição feminina (Mello Junior, 2022).

Além das estruturas familiares patriarcais previamente discutidas, é válido compreender como de fato a subjugação da mulher no contexto brasileiro é representada. Nesse sentido, a personagem Isabel, sobrinha de Dom Braz Olinto que, desafiando as normas tradicionais, percorria os sertões com os homens, sendo descrita como "um homem vestido de saias" (Queiroz, 2020, p. 209). No entanto, mesmo rompendo com certos estereótipos, Isabel é julgada quando engravida de seu primo Tiago. Ainda mais quando a personagem revela sua falta de conforto com a maternidade após o nascimento da criança.

Nesse contexto, a historiadora Mary Del Priore, em sua obra *História das mulheres no Brasil* (2004), explica que o matrimônio e a maternidade eram considerados a verdadeira carreira feminina. Qualquer desvio desse caminho era visto como uma quebra da norma estabelecida. No romance *A muralha*, essa transgressão é exemplificada justamente por Isabel, que é comparada até mesmo com sua mascote, Morena, uma jaguatirica.

Isabel ficava horas e horas esquecida a brincar com a Morena, já grandinha. Dizia Genoveva que o animal tinha uma inhaca danada, porém Isabel não cuidava disso. Quando voltava do campo, vagorosamente, as pernas separadas de veias salientes, havia algo extraordinário. Morena sorratamente, saía de sua sombra, ou do buraco onde se escondia, e ia ao encontro de sua dona, como se fosse um cãozinho afável. Era curiosa aquela identificação. Cristina pensava, reparando nas feições inchadas de Isabel, no seu rosto manchado, nos olhos mais claros do que a face: "Elas até estão ficando parecidas" (Queiroz, 2020, p. 197).



A trajetória da personagem revela uma representação que une elementos da animalização e masculinização. Como observado por Mello Junior (2022), a autora utiliza Isabel para demonstrar um aspecto transgressor, questionando a dinâmica social vigente. No entanto, o rompimento de paradigmas tem um preço: o julgamento social.

De acordo com Del Priore (2011), a mulher deveria ser naturalmente frágil, bonita e sedutora, sendo consideradas antinaturais caso demonstrasse atributos contrários. Desse modo, Isabel é apresentada como um modelo antagônico (Mello Junior, 2022). Enquanto a personagem Margarida, apesar de ser letrada, é modelada com os protótipos de gênero esperados para o feminino, Isabel representa o oposto, algo que ela mesmo reconhece durante uma conversa com Cristina.

- Que lindo gatinho! – Disse Cristina.
- Só que tem que não é gatinho, é onça. É uma jaguatirica. Este gato é tão gato quanto eu sou mulher (Queiroz, 2020, p. 98).

A partir dessa fala nota-se a profundidade e complexidade de Isabel como personagem. A personagem utiliza da ironia para demonstrar que nem tudo é o que parece. Embora seja uma mulher, Isabel apresenta características e personalidade que não são condizentes com o esperado da época, levando-a se considerar, de fato, um homem de saias, como descrita por Cristina anteriormente.

Desse modo, Isabel transcende as expectativas convencionais da feminilidade, destacando-se como uma figura diferenciada em relação a Cristina e Margarida. Sua falta de conformidade com os atributos femininos esperados pela época, torna-se uma afirmação de sua singularidade e individualidade.

- Eu não me escondi. Eu não gosto da mulherada. Se dom Braz e os outros homens da Fazenda não tivesse, por cobiça, que dar as entradas que deram no Sertão e ainda mais o trabalho das minas, eles teriam que inventar viagens para que se safassem desta Fazenda. **Que coisa tenebrosa é a gente ter que viver no meio de mulheres! Mulheres que os homens amam e servem**, porque Deus impôs instintos neles, mas, assim mesmo, bem que eles se sentem felizes no mato, quando se servem das índias, que têm menos conversa, menos complicação, e **não fazem pouco numa pobre de Cristo só porque ela tem um rasgão na saia e o cabelo embaraçado** (Queiroz, 2020, p. 99, grifo nosso).

Nesse fragmento, percebe-se como Isabel adota uma postura distanciada em relação à sua própria feminilidade, abordando a figura feminina na terceira pessoa, como se estivesse desconectada dela. Ao empregar a locução pronominal “a gente”, ela busca inserir-se no âmbito masculino, como parte desse grupo.

Além disso, é possível notar que no trecho “Mulheres que os homens amam e servem” (Queiroz, 2020, p. 99), Isabel retoma o uso da terceira pessoa, evidenciando uma sensação de separação e distanciamento em relação às mulheres. A personagem parece não se identificar com o grupo, como se fosse algo alheio a ela, uma realidade que não se enquadra em sua própria visão de si mesma.

Além disso, é possível perceber em Isabel um ressentimento em relação a outras mulheres. No trecho em qual ela menciona: “não fazem pouco numa pobre de Cristo só porque ela tem um rasgão na saia e cabelo embaraçado” (Queiroz, 2020, p. 99), a personagem demonstra uma certa mágoa, sugerindo que ela própria já foi alvo de



juízos por parte das mulheres localizadas no centro hierárquico, colaborando com a visão áspera que tem de si mesma. Desse modo, a visão bruta que Isabel tem de si mesma são reflexos das pressões sociais e dinâmicas hierárquicas que permeiam a sociedade. Com isso, pode-se dizer que a figura de Isabel é de fato um “paradigma de transgressão de gênero, das tradições familiares e da cultura religiosa” (Mello Junior, 2022, p. 52).

Conforme abordado anteriormente, durante a narrativa, Isabel acaba engravidando. De acordo com Del Priore (2011), toda a atividade sexual extraconjugal com um fim que não fosse a procriação era condenada. Entretanto, homens adulteravam de forma recorrente, sem preocupação ou julgamento.

Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de imaginar-se que as relações extraconjugais fossem correntes, depois do casamento. O adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o resto do tempo era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina. A falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. Era sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges (Del Priore, 2011, p. 57).

No desenrolar da narrativa, revela-se que o filho que Isabel esperava era de Tiago, seu primo, que já estava comprometido com Cristina. Isabel escolhe ocultar a verdadeira paternidade da criança, e a partir disso uma sucessão de eventos desastrosos se desencadeia. Um desses eventos é a trágica morte do índio Apingorá, provocada por Leonel, primo de Isabel, que acreditava estar vingando a suposta honra de Isabel ao supor que o índio fosse o pai da criança.

Como abordado anteriormente, após a gravidez de Isabel acontecem diversas desgraças na família, o que pode ser interpretado como uma representação do sentimento da família em relação a Isabel, que engravidou sem estar casada, trazendo desonra e desgraça para a família.

A morte do índio Apingorá demonstra as expectativas culturais em relação à defesa da honra da família e da reputação feminina. Conforme explica Del Priore (2011, p. 45), “os homens sentiam-se obrigados a lavar sua honra em sangue”.

Diante disso, pode-se concluir que a obra apresenta um olhar crítico em relação as imposições sociais e hierárquicas que moldam a vida da personagem Isabel. Por meio do retrato de sua figura complexa, a autora convida a refletir sobre diversos valores sociais que influenciam a vivência das mulheres em diversos contextos históricos.

## Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho de iniciação científica na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador Marcos Hidemi de Lima, por sua dedicação, comprometimento, expertise e paciência durante todo o processo de pesquisa.

Também agradeço a minha família por todo apoio e encorajamento durante esta jornada.



Por fim, agradeço a UTFPR por proporcionar esta oportunidade, juntamente com os recursos necessários para a realização deste trabalho de pesquisa.

### Conflito de interesse

Não há conflito de interesse.

### CONCLUSÃO

Em suma, o presente relatório, buscou investigar e compreender as marcas de ordem patriarcal presentes na sociedade setecentista, utilizando como base a análise da obra literária *A muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz.

A obra retrata de forma contundente a complexidade das relações de gênero e hierarquia no contexto brasileiro. Por meio da personagem Isabel, apresentam-se confrontos das normas sociais que restringem a voz das mulheres, especialmente das que desafiam os padrões estabelecidos. Ao explorar temas relacionados a família patriarcal e a transgressão de gênero, a narrativa convida a questionar e refletir sobre as dinâmicas sociais vigentes.

Ao investigar as marcas de ordem patriarcal, não apenas analisou-se questões sociais e históricas presentes na narrativa, mas também aspectos literários que compõem a obra. Essa abordagem permite apreciar e compreender a profundidade e riqueza do texto, reconhecendo a riqueza da narrativa.

Ao evidenciar as marcas de ordem patriarcal presentes na obra, espera-se ter contribuído para o debate acadêmico e social, despertando a conscientização e o questionamento em relação às estruturas de poder representadas na literatura brasileira.

### REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1993.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. 239 p.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

MELLO JUNIOR, David de. **A muralha, de Dinah Silveira de Queiroz: Desafios e êxitos**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/32233/David%20de%20Mello%20Junior.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 19 jun. 2023.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **A muralha**. 1. ed. São Paulo: Instante, 2020. 399 p.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo: Hierarquia no romance brasileiro**. Niterói: Universitária, 1987. 133 p.